

---

---

# VIOLÊNCIAS EM ESCOLAS DE TERESINA

Maria do Carmo Alves do Bomfim<sup>1</sup>  
Vilma Dias de Araujo<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo discute a problemática Violências nas Escolas como parte dos resultados da pesquisa "Violências, Práticas Pedagógicas e Movimentos Contra-Violência em Escolas da Rede Estadual de Ensino Fundamental e Médio de Teresina e Timon", realizada em 23 escolas desta capital e 02 de Timon - MA, na qual foram abordados docentes, diretoras(es), discentes, funcionário(as) e mães/pais de alunas(os); desenvolvidas observações dentro da escola e no seu entorno e consulta a documentos oficiais. Dentre os resultados, destaca-se a constatação de que autores e vítimas de violências em escolas são, em sua maioria, jovens, sendo os tipos de violência mais frequentes: moral, física, sexual, político-ética e deprecação do patrimônio público.

Palavras-chave: Juventude, violências, escola, direitos humanos e cidadania.

## ABSTRACT

This article is about the violence problems in schools as part of the results of the research "Violence Pedagogical practices and movements against violence in public schools in Teresina and Timon", this research was realized in 23 schools from Teresina and 2 from Timon-MA, there were observed teachers principals, students, administrative workers, parents; there were developed observations inside the school and around it, and discriminants were analysed, The results shows that the praticants and victims of violence in schools are young and the most frequent sort of violence are: moral, physical, sexual, political-ethical and the destruction of public property.

Keywords: Environmental education, school, rural community.

---

---

## 1. Introdução

A violência se constitui, hoje, um sintoma de graves problemas econômicos, sociais, políticos, éticos enfrentados pelas sociedades contemporâneas, afetando fundamentalmente os Direitos Humanos e de Cidadania. Nos últimos anos, esse fenômeno tem sido mais acentuado no seio de muitas famílias urbanas com várias conotações (sexual, moral e física), nos bairros (homicídios praticados por assaltantes e gangues) e nas escolas (deprecações do patrimônio público, agressões moral, psicológica e física; estereótipos, discriminação racial, de gênero e política; institucionalização de avaliações, predominantemente, quantitativas e discriminadoras e com estímulo à competição). Contribui, também, para o agravamento dessa problemática a ação da mídia ao divulgar, de forma sensacionalista e agressiva, muitos atos de violência.

Muitas dessas ocorrências, em virtude dos requintes de crueldade com os quais foram cometidos,

têm chocado a população. A exemplo disso, podemos citar, dentre tantos casos, o assassinato ocorrido na porta da Escolinha Presbiteriana, na cidade de Camaçã - BA, no dia 15 de setembro de 2003. Esse crime lamentável foi cometido por um menino de apenas nove anos que, após uma discussão, atravessou o peito de um colega da mesma idade com uma barra de ferro<sup>3</sup>.

Em Teresina a presença desse fenômeno também já se constitui uma realidade concreta, sendo várias as ocorrências divulgadas pela imprensa local e comprovadas pelo Pelotão Escolar<sup>4</sup>. A última e mais grave delas foi o assassinato de um estudante, a golpes de faca, por um colega, no pátio de uma escola da região do "Grande Dirceu", onde ambos estudavam, diante do olhar atônito de dezenas de estudantes e funcionários. Esse episódio aconteceu no dia 19 de abril de 2004, em uma das escolas da referida região<sup>5</sup>. A despeito disso, numa busca feita por policiais em várias escolas da capital piauiense, no último dia 22 de abril do corrente ano, foram apreendidas muitas ar-

---

\* Recebido: novembro de 2004

\* Aceito: Novembro de 2004

<sup>1</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI.

<sup>2</sup> Discente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI (Mestrado)

<sup>3</sup> Jornal Correio da Bahia, 16 de setembro de 2003.

<sup>4</sup> Órgão da Secretaria Estadual de Educação do Piauí em parceria com a Secretaria de Segurança Pública, que tem como objetivo prevenir e coibir a violência e o uso e tráfico de drogas nas escolas de Teresina.

<sup>5</sup> Jornal Meio Norte, 21 de abril de 2004

mas e uma quantidade considerável de drogas ratificando, portanto, a existência da problemática<sup>6</sup>.

Diante dessas situações, uma equipe - duas professoras e um professor, mais quatro estudantes do Curso de Pedagogia da UFPI - passou a levantar uma série de questionamentos e realizar algumas reflexões sobre o fenômeno da violência na escola, considerando que o espaço escolar, embora tentando construir valores novos e práticas pedagógicas transformadoras da realidade, reproduz, também, valores que depreciam a condição humana e cidadã. Tal atitude se inspirou na idéia de que os educadores que trabalham em qualquer área de conhecimento, pela sensibilidade individual e, se capacitados, podem desencadear um processo para redução do fenômeno da violência nas escolas, trabalhando práticas educativas fundadas em estudos científicos, a fim de ampliar o debate e proporcionar a construção de uma nova cultura na escola e, por extensão, na família e em outros espaços de socialização de crianças, jovens e adultos na medida em que exercita o cultivo de valores pró-cultura solidária.

Assim, a mesma equipe passou a levantar uma série de questões, dentre as quais: que concepções de violência e de incivilidade permeiam as consciências dos docentes, administradores, alunos, mães e pais de alunas(os)? A violência nas escolas de Teresina aumentou, realmente, nesses últimos anos? Quantos casos já ocorreram nas escolas da capital piauiense? Quais os segmentos mais envolvidos (docentes, estudantes, funcionários, mães/pais, gangues, policiais...)? Que gerações (adolescentes, jovens, adultos, idosos) são mais envolvidas em atos violentos como vítimas ou agentes de violência? Que concepções de escola, de educação e de sociedade são expressas pelos atores escolares? Que iniciativas poderiam contribuir para a reversão de um possível quadro de violência nas escolas?

Com estas perspectivas, dentre os objetivos definidos para esta pesquisa, trata-se neste artigo daquele que visava caracterizar situações de violência em 23 (vinte e três) escolas públicas de Teresina, ocorridas no período de 1999 a 2002 (03 escolas na zona norte, 04 na zona centro, 09 na zona sul, 01 na zona leste, 06 na zona sudeste) e 02 na vizinha cidade maranhense Timon. O critério para escolha das escolas de Teresina baseou-se na maior incidência

de atos de violência, variando de 06 a 12 no período de 1999 a 2002, registrado pelo Pelotão Escolar da Secretaria Estadual da Educação. Já a pesquisa realizada em escolas de Timon foi feita por solicitação de professoras que nelas trabalham. O maior número de escolas selecionadas situa-se nas zonas sul e sudeste de Teresina, em virtude de serem, conforme dados do Pelotão Escolar, as áreas da cidade onde ocorreram mais situações de violências no período indicado.

## 2. O conceito de violência: uma construção histórico-social

A violência é um fenômeno social que tem se manifestado em todos os momentos da história da humanidade e, contraditoriamente, quase sempre tem sido utilizada para resolver conflitos. Seu significado, no entanto, varia de acordo com o contexto sócio-histórico, com as normas e valores próprios da história e cultura de cada organização social, expressando assim valores e contradições de cada sociedade. Dessa forma, não há, como salienta Michaud (1989, p. 14), "discurso nem saber universal sobre a violência: cada sociedade está às voltas com a sua própria violência segundo seus próprios critérios e trata seus próprios problemas com maior ou menor êxito".

A categoria violência encerra, pois, leituras diferenciadas e é abordada sob diferentes critérios e perspectivas e, nesse sentido, não se pode tratar da violência, mas de violências que se configuram em contextos e situações particulares.

Bartolomé Sorge (1993, p.09) destaca, dentre os fatores que caracterizam a violência, o uso da força e a violação de um direito. Dessa forma, a violência se configura, segundo ele, quando há

O uso injusto da força física, moral e psicológica - com a finalidade de privar um ser humano do seu legítimo direito à vida, à saúde e à liberdade. [...] Quando o homem é impedido de ter uma opção livre, quando é obrigado a fazer o que é contrário à sua vontade, ideais e interesses.

Segundo Michel Maffesoli, apud Ilana Laterman (2000), esse é um fenômeno inerente a toda

<sup>6</sup> Jornal O DIA, 23 de abril de 2004.

formação social estando sempre presente em qualquer relação humana, sendo pela sua constante presença criada a necessidade de negociação, do estabelecimento de normas de convivência e estrutura social, portanto, "a violência pode até ser indesejável, mas é, exatamente, por sua presença permanente e desagregadora que a sociedade se organiza e se estrutura" (p.30). Dessa forma, a violência inclusive física, sempre foi utilizada nas diversas formações sociais, em todas as épocas, para forçar o consenso, defender uma ordem, enfim, para manter a unidade.

Na perspectiva antropológica, esse fenômeno é visto como positivo por seu papel na sobrevivência individual e de determinadas culturas, bem como na estruturação das sociedades. Assim, nas sociedades primitivas os rituais sagrados de sacrifícios de animais e até de seres humanos, portanto de violência, são justificáveis.

Por outro lado, em algumas sociedades contemporâneas, por mais contraditório que isso possa parecer, a violência utilizada contra o indivíduo violento é legítima<sup>7</sup>. Por isso, para punir os indivíduos que praticam atos de violência a pena de morte é legalizada em muitos países e, mesmo onde essa prática é ilegal, muitas pessoas que se dizem pacíficas a defendem.

A guerra, uma das mais estúpidas manifestações da violência, também tem historicamente sido não apenas defendida, mas utilizada para garantir a estruturação das sociedades sendo que a lógica para a utilização dessa estratégia é a de que os fins (resolução de conflitos) justificariam os meios - a sua utilização. Em contrapartida, até hoje não se tem constatado nenhum benefício que possa justificar seus nefastos e devastadores efeitos.

Outra manifestação da violência que tem se perpetuado em quase todos os modelos de sociedade é o filicídio - violência praticada contra crianças e adolescentes pelos seus próprios pais. Segundo Sueli Damergian (1986), essa é a mais cruel e inaceitável de todas as formas de violência, e, mesmo em países onde essa prática é ilegal, como no Brasil, ela é amplamente utilizada, o que pode ser comprovado diariamente através da imprensa escrita, falada e televisiva, bem como nas inúmeras denúncias recebidas pelos órgãos competentes: oficiais e privados.

### 3. Violência nas escolas: um objeto em construção

Inserida nesse concreto contexto de violência, a escola tem, infelizmente, se constituído palco para a prática de atos violentos, desconstruindo as representações sociais de infância como símbolo de inocência e de escola como refúgio intocável de paz e segurança. Assim, nesse espaço que, em tese, deveria ser reservado apenas às práticas socializadoras e educativas que elevem a dimensão humana dos jovens, professoras (es) e alunas (os) têm se revezado como autores e vítimas da violência, seja ela física, moral ou simbólica.

Não obstante à relevância e premência do tema, no Brasil, o interesse acadêmico por ele ainda é bastante restrito como nos mostra o estudo de Marília Sposito (2001) que, ao examinar a produção acadêmica na Pós-Graduação em Educação no Brasil, no período de 1980 a 1998, constatou que o estudo sistemático da violência nas escolas era escasso e "... não havia, ainda, grupos de pesquisadores que buscassem traçar um programa conjunto de investigações, abrangendo cidades e situações sócio-culturais diferentes em todo o país" (p.85). Nesse estudo, foram analisados 8.667 trabalhos, entre dissertações de mestrado e teses de doutorado e, desses, apenas nove investigaram a problemática da violência escolar o que, segundo a própria autora, explica-se pela limitação nas linhas de pesquisa nessa área, além da resistência de muitas escolas quanto à disponibilização de dados.

Apesar da comprovada limitação, a produção existente sobre o problema já permite a identificação dos principais tipos de violências que ocorrem no espaço escolar, dentre os quais podemos destacar as ações contra o patrimônio (depredações e pichações), as agressões interpessoais, sejam verbais ou físicas e a violência simbólica.

Alba Zaluar e Maria Cristina Leal (1999) constataram que o fenômeno da violência escolar ganhou mais visibilidade, começando a ser discutido no início do processo de redemocratização do país (pós-ditadura militar) passando esse fenômeno a ser alvo de denúncias das populações mais atingidas que, por sua vez, reivindicam mais segurança para os estabelecimentos de ensino. É, pois, nessa conjuntura que a sociedade civil organizada parte para a

<sup>7</sup> Isso em virtude dos direitos de cidadania prescritos nas leis específicas de determinados países.

busca de um modelo mais democrático de gestão escolar, no qual toda a comunidade usuária desses estabelecimentos pudesse participar da tomada de decisões e, nesse contexto, o tema passa a ser objeto de investigações acadêmicas.

Laterman (2000) registra também que a presença significativa de práticas de incivildades no espaço escolar é, segundo essa autora, equivocadamente, tratada como violência. Nesse estudo, a autora destaca que há uma íntima relação entre o fenômeno da violência escolar e das práticas de incivildades com o modelo de sociedade em que está inserida a escola, podendo refletir-se na política dos próprios estabelecimentos escolares.

A esse respeito, Vicente Tavares dos Santos (2001) também discute a questão das incivildades na escola e prefere denominá-las de conflitos de civildades, tendo em vista que entre professores (as) e alunos (as) coexiste a presença de diferentes códigos e normas de condutas, o que pode gerar conflitos entre os grupos, colocando em risco a função social da escola que é a de socialização das novas gerações. Para esse autor, qualquer análise sobre o fenômeno da violência nas escolas deve levar em conta a relação de poder que existe entre professores (as) e alunos (as), na qual a violência simbólica é sempre utilizada como forma de controle social.

Corroborando com esse pensamento, Sposito (1998) afirma que a violência praticada por adolescentes na escola pode ser um indicativo concreto de protesto contra os valores transmitidos nessa instituição, os quais não respondem as suas expectativas e necessidades concretas. Para essa autora,

Práticas pedagógicas que acenem apenas com incertas possibilidades de melhoria para o futuro não são suficientes para construir relações significativas com a escola. Na falta de outras referências, a indiferença e a violência serão respostas freqüentes e banalizadas expressões parciais da crise que atinge os sistemas escolares (p. 73).

Nesse mesmo estudo, a referida analista estabelece diferenças entre a "violência escolar" e a "violência na escola". A violência escolar se refere às manifestações da violência como forma de demonstrar insatisfação em relação à instituição 'escola'.

Como exemplos dessas manifestações, podemos destacar: as depredações do patrimônio, roubos, ameaças contra funcionários da escola, dentre outras. Quanto à "violência na escola", trata-se de atos violentos que, embora aconteçam no espaço escolar, não têm relação com esse universo e poderiam acontecer em qualquer outro lugar.

Além das produções acadêmicas, algumas iniciativas do Poder Público no sentido de mapear as ocorrências de violência nas escolas são registradas na década de 1980. No entanto, dadas as inúmeras dificuldades de sistematização, os dados e diagnósticos dessas pesquisas ficaram comprometidos.

Já na década de 1990, alguns diagnósticos e pesquisas de natureza descritiva sobre a problemática da violência escolar são produzidos também por algumas organizações não-governamentais, entidades de profissionais da educação e organismos públicos. Dentre esses estudos, podemos destacar os que foram realizados pela UNESCO em escolas de 14 capitais brasileiras, a partir de 1997, depois do lamentável e violento episódio ocorrido em Brasília no qual cinco jovens de classe média alta assassinaram um índio, ateando fogo em seu corpo, fato que motivou a realização de pesquisas sobre violência, juventude e cidadania.

No referido estudo, cujos dados foram organizados por Miriam Abramovay e Maria das Graças Rua (2002), estas autoras tecem uma série de comentários sobre as manifestações de violência ocorridas nas escolas, a partir da análise das percepções de todos os segmentos da comunidade escolar sobre o fenômeno, bem como do ambiente escolar desde o seu entorno às dependências internas. Foram analisadas ainda as regras disciplinares, as percepções dos atores sobre a escola e o ensino nela ministrado e, por fim, os tipos de violência com maior freqüência de ocorrência e suas possíveis causas.

Na presente pesquisa trabalhou-se, ainda, com a referência de Sérgio Adorno (1994) que concebe a violência como a transgressão aos direitos humanos e de cidadania, ou seja, aqueles que dizem respeito à integridade física do indivíduo, à igualdade perante à lei, à liberdade de pensamento e convicção, ao direito de não estar sujeito à vontade de outrem, aos direitos coletivos (associação, cooperativa etc.) sociais (saúde, educação, maternidade etc.), aos direitos das categorias de gênero (expressão de feminilidades, de masculinidades etc.) e aos direitos de

geração (infância, juventude e terceira idade).

Em suma, o arcabouço teórico que trata da violência nas escolas brasileiras, embora ainda incipiente, nos aponta para a complexidade do tema e, portanto, para a necessidade de análises aprofundadas, que discutam o fenômeno considerando a multiplicidade de seus aspectos e especificidades e que o façam numa perspectiva dinâmica e multidimensional, considerando seus determinantes socioeconômicos, políticos e culturais e, sobretudo, o contexto histórico-social no qual ele se manifeste.

#### 4. A pesquisa em escolas de Teresina e Timon: sujeitos abordados, tipos de violências fatores desencadeadores de violência

Nessa pesquisa foram abordados 96 sujeitos (docentes, discentes, diretoras/es, funcionárias/os e mães/pais de alunas/os) em 25 escolas, sendo 23 de Teresina e 02 de Timon - MA. Do total de pessoas abordadas, 83 (89,5%) afirmaram que as maiores vítimas de violência na escola são jovens e 63 (65,6%) disseram, também, que estudantes jovens são autores de atos violentos, confirmando asserções de Dallari (1986): "quando são negados o 'direito de ser', 'o direito de querer', 'o direito de pensar', 'o direito de sentir' e o 'direito de sonhar' que pode gerar sentimentos de insatisfação, revolta... que podem constituir-se fatores desencadeadores de violência". Fato registrado ainda por Araújo e Bomfim (2000) ao constatarem que, em Teresina, dezenas de crianças e adolescentes que buscam nas ruas do centro da cidade alternativas de sobrevivência, estando inseridas nas mais diversas situações de negação de seus direitos mais básicos, dentre as quais trabalho infantil, exclusão escolar, prostituição infanto-juvenil e o tráfico de drogas, envolvem-se nas mais diversas situações de violência seja como autores ou vítimas.

Os tipos de violência apontados pelos sujeitos pesquisados podem ser caracterizados em cinco categorias: violência moral (33%), violência à integridade física da pessoa (14%), violência aos equipamentos públicos com depredação de prédios e equipamentos escolares (35%), violência político-ética (14%) e violência sexual (4%). Ressalte-se que a violência contra os equipamentos públicos obteve o maior percentual nas respostas dos pesquisados, talvez porque os seus autores, em sua maioria jovens,

pelas ambigüidades próprias da idade, pelas fragilidades das referências em vários campos de ação, até mesmo o educacional, e as desesperanças que enfrentam pela falta de resposta da família, da escola e do conjunto da sociedade aos seus anseios, cometam práticas que culminam com atos de violência contra o que é de "mais fácil": o prédio e aparelhos públicos. A violência moral (xingamentos, palavrões etc), também muito citada, hoje é uma prática banalizada tanto pelo uso por parte de pessoas adultas e, particularmente, pela difusão através da mídia nas falas de apresentadores de programas e de atores de novela. Dessa forma, como a imitação é uma característica dos jovens, a linguagem corriqueira transforma-se em regra, por isso considerada normal.

Vale ressaltar que, dentre os sujeitos pesquisados, como afirma Laterman (2000), há uma certa confusão em conceber atos de violência e atos de indisciplina (incivilidades). Por exemplo, alguns docentes juntaram "discussão entre estudantes", "conversas em sala de aula" com "depredação do prédio escolar e agressão física". Presume-se que esses profissionais (e outros) têm carências de fundamentação sobre essa temática, negligenciada seja pelos cursos de formação de professores seja pela formação continuada.

Quanto aos determinantes de violências na escola, os resultados da presente pesquisa confirmam as asserções de Sposito (2001), Abramovay (2002), Santos (2001) e Araújo (2003) quando registram que esses são múltiplos e parte deles está relacionada ao uso de drogas (cola de sapateiro 9%, solvente 10%, maconha 20%, fumo 29%, álcool 24 %, outros 8%). Daí, serem apontados determinantes relacionados à vulnerabilidade dos jovens (inquietações, rebeldia, ansiedades provocadas pelas mudanças orgânicas no corpo juvenil); impulsos provocados pela contradição incentivos ao consumo x impossibilidade de consumir determinados bens materiais incentivada (SPOSITO, 2001 e MELLO, 1999), sobretudo, pela mídia com uma forma agressiva e sensacionalista ao divulgar cenas violentas praticadas no cotidiano da sociedade (WARTELLA, OLIVAREZ; JENNINGS 2000, p. 64), bem como: o repasse de notícias sem análises críticas consistentes, pela fragilidade ou mesmo a falta de referências positivas na família, na política, nas igrejas, na escola e em outros espaços de convivência; pela presença de normas escolares autoritárias, sobretudo nas sistemáticas de avaliação de desempenho escolar; pelos preconceitos presentes

nas relações intra e extra-escolares; pela recorrência freqüente ao Pelotão Escolar por parte de administrações das escolas cujos integrantes, despreparados pedagogicamente, muitas vezes agem de forma autoritária.

Nesse contexto de visível crescimento da violência, estudos como o de Graciani (1997), Frontana (1999), Mello (1999), Laterman (2000), Macià (2000) e Sposito (1988) constataam que os jovens, pela constante necessidade de auto-afirmação e conflitos existenciais tão comuns nessa fase da vida, constituem o contingente geracional mais vulnerável ao envolvimento com as drogas, bem como com autoria ou vitimização de atos violentos. A esse respeito, Sposito (1998) aponta como fator determinante para o envolvimento de jovens em atos de violência a falta de referenciais positivos e de perspectivas de um futuro melhor, fato também observado em estudo de Araújo e Bomfim (2000) sobre representações e perspectivas de futuro de meninos e meninas de e na rua, bem retratado na chocante resposta de um adolescente ao ser questionado sobre as expectativas em relação ao futuro: "Da vida eu só espero a morte mesmo".

Levisky (2000, p. 30) também aponta

Falta de perspectivas que campeia a vida de muitos adolescentes como um ingrediente para o incremento da violência como reação a um estado frustrante e contraditório insuportáveis. Preparam-se durante anos para encontrar um caminho na vida adulta [...], mas deparam-se com elevadas doses de desesperança (falta de emprego, baixos salários...).

Pelos elementos acima mencionados, reafirma-se que os determinantes da violência são múltiplos, por isso o tratamento deles exige abordagens multifacetadas, principalmente pela multiplicidade de incertezas presentes na vida dos adolescentes derivadas de várias perspectivas, dentre elas: a disponibilidade de possibilidades sociais, a variedade de cenários nos quais as escolhas podem ser situadas (MELUCCI 1997, p. 8-9).

## 5. Considerações finais

A execução dessa pesquisa mostra que os estudos da problemática violências na escola, no nosso meio, ainda é incipiente, mas foi deveras promissora para o conjunto de pessoas que nela trabalhou, uma vez que proporcionou um confronto direto com o problema vivenciado na escola, mas, principalmente porque ampliou a visão do problema, antes quase limitado à idéia de agressão física, na medida em que demonstrou que a violência tem várias dimensões, sendo muito forte no campo do simbólico, do não-visível, "a olho nu". Isto revelou que a violência na escola, atualmente, é um dos mais graves sintomas a serem enfrentados pelos governantes e a sociedade em geral, como questão de sobrevivência dos que nela convivem. Mais que direitos de cidadania, são os Direitos Humanos que estão afetados. É o direito à vida que está sendo tirado, sobretudo dos jovens. A construção de uma Cultura de Paz numa sociedade onde se tornou comum a apologia à violência é, pois, um desafio a ser enfrentado.

É gritante o dado de que os adolescentes e jovens (estudantes) são os que mais praticam e as maiores vítimas dos atos de violência e, muitas vezes, por falta de perspectivas, o que significa dizer que a brutalidade da sociedade na qual estamos inseridos é tão forte que, pela natureza da sua geração, é um segmento que está se degladiando e se matando. Nessa fase que deveria ser privilegiada para que todos pudessem cultivar sonhos, nutrir esperanças individuais e coletivas de um futuro melhor, esse direito tem sido negado a muitos jovens! Nós, as pessoas adultas, estamos fazendo muito pouco. E aqui é preciso ressaltar o papel dos docentes, por serem aqueles que mais se confrontam com as situações de violência na escola, em razão de ser o segmento profissional que tem maior tempo de convivência com as alunas e os alunos no espaço escolar.

Portanto, é urgente trabalhar o conteúdo violência escolar e violência na escola em todas as atividades de formação dos profissionais da educação, tanto na perspectiva de prevenção e combate quanto na prática de uma Cultura de Paz.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena W.; FREITAS, Maria V. de e SPOSITO, Marília P. (Orgs.) 2. ed. Juventude em Debate. São Paulo: Cortez, 2002.

- ABRAMOVAY, Miriam et al. *Escolas de paz*. Brasília: UNESCO, Governo do Estado do Rio de Janeiro / Secretaria de Estado da Educação, Universidade do Rio de Janeiro, 2001.
- ADORNO, Sérgio. *Violência, um retrato em branco e preto*. São Paulo: FDE, 1994. (Série idéias; nº 21).
- ARAÚJO, V. D. ; BOMFIM, M. do C. A do. *O futuro de crianças e adolescentes nas ruas de Teresina: representações x perspectivas*. Teresina (texto digitado). Trabalho de Iniciação Científica - PIBIC/CNPq/UFPI, 2000.
- CARLSSON, Ulla; FEILITZEN, Cecília von. *A criança e a violência na mídia*. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.
- CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber. Elementos para uma teoria*. Trad. Bruno Magne. Porto Alegre - RS: Artes Médicas, 2000.
- COLOMBIER, Claire; MANGEL, Gilbert; PERDRIAULT, Marguerite. *A violência na escola*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1989.
- DAMASCENO, Maria Nobre; MATOS, Kelma Socorro L. de; VASCONCELOS, José Gerardo (Orgs.). *Trajetórias da juventude*. Fortaleza: LCR, 2001.
- FERREIRA, Dalva Maria Macedo. *Juventude, violência e políticas públicas: entre o direito e a (in)justiça institucionalizada*. Tese (Doutoramento). PUC / SP, 2003.
- FRONTANA, Isabel. C. R. C. *Crianças e adolescentes nas ruas de São Paulo*. São Paulo: Cortez, 1997.
- GRACIANI, M. Stela. S. *Pedagogia social de rua: análise de uma experiência vivida*. São Paulo: Cortez, 1997.
- GUIMARÃES, Áurea M. A. *Dinâmica da violência escolar. Conflito e ambigüidade*. Campinas - SP: Autores Associados, 1996.
- LANTERMAN, Ilana. *Violência e incivilidade na escola: nem vítimas, nem culpados*. Florianópolis - SC: Letras Contemporâneas, 2000.
- LEVISKY, David Léo (Org.). *Adolescência pelos caminhos da violência*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- LIMA, Antônia Jesuíta; SANTOS, Maria das Graças. *Estudo sobre a realidade da criança e do adolescente em situação de rua em Teresina-Piauí*. Teresina, Relatório de Pesquisa, 2003.
- MACIÁ, Diego. A. *Drogas: conhecer e educar para prevenir*. Trad. Mônica Stael. São Paulo: Scipione, 2000.
- MELLO, Sílvia. L. *A violência urbana e a exclusão dos jovens*. In: Sawaia, B. (Org.). *As artimanhas da exclusão*. Petrópolis - RJ: Vozes, 1999, p. 139-140.
- MELUCCI, Alberto. *Juventude, tempo e movimentos sociais*. Rev. Brasileira de Educação / ANPED, n 5, maio / jun. / jul. / ago. / set. / out. / nov. / dez. 1997. p. 5-14.
- MICHAUD, Yves. *A violência*. São Paulo: Ática, 2001.
- NOLETO, Marlova J. (Org.). *Abrindo espaços. Educação e cultura para a paz*. Trad. de Romes de Sousa Ramos. Brasília: UNESCO, 2001.

SANTOS, José Vicente T. dos. A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias. Rev. da FEUSP, v. 27, n. 01, jan./jun., 2001, p. 105-122.

SPOSITO, Marília P. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. Rev. da FEUSP, v. 27, n.01, jan./jun., 2001, p. 87-103.

ZALUAR, Alba; LEAL, Maria Cristina. A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1985.